

Transversalizando viabilidades do Grupo Focal com professores homens da Educação Infantil

Factibilidad de Grupo Focal Transversalizador con docentes de Primera Infancia varones

Renan Mota Silva
Universidade Federal do Pará (UFPA)
Belém/PA-Brasil
Karla Percília da Silva Fortes
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFES)
Itapina/ES-Brasil

Resumo

Este estudo apresenta a conceituação, finalidades e modos da técnica do Grupo Focal (GF) a partir de sua dimensão histórica e procedimental. É objetivo deste artigo, verificar, os desafios e possibilidades deste recurso qualitativo, cujos sujeitos são os professores homens que atuam na Educação Infantil, por representarem uma diversidade em seus contextos laborais envolvidos por dinâmicas de prazer e sofrimento singularizadas. A metodologia utilizada neste artigo consiste em uma abordagem qualitativa e descritiva sobre o uso do GF, amparado tecnicamente na temática da Análise de Conteúdo. Resultou-se que o Grupo Focal é uma técnica de grande-valia acerca da investigação das representações subjetivas, o que se aproxima ao necessário e relevante olhar para os aspectos identitários desses professores, dado estigma, preconceito e tabu que permeiam tais identidades laborais.

Palavras-chaves: Educação Infantil; Estudos de gênero; Professor homem.

Abstract

This study presents the technique of the Focus Group from its historical and procedural dimension. The objective of this article is to verify the challenges and possibilities of this qualitative resource, whose subjects are male teachers who work in Early Childhood Education, as they represent a diversity in their work contexts involved in singular dynamics of pleasure and suffering. The methodology used in this article consists of a qualitative and descriptive approach of the focus group, technically supported by the theme of Content Analysis. It resulted that the Focus Group is a great value about the investigation of subjectivities representations, that approaches the necessary and relevant aspects of theses teachers, given stigma, prejudice and taboo that permeate such work identities.

Keywords: Childhood education; Gender studies; male teacher.

1. Introdução

Este texto integra o arcabouço teórico da tese de doutoramento na linha de Pesquisa Psicologia, Sociedade e Saúde do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará, concomitante com as participações no Grupo de Pesquisa Transversalizando: ensino, pesquisa-intervenção e extensão. Trata-se de um texto que tem por objetivo precípuo analisar a usabilidade da técnica do Grupo Focal (GF) em pesquisas qualitativas em interlocução com a Psicologia Social.

Nesse limiar de entedimento, compreende-se que a sociedade em seu progresso e desenvolvimento, além da formação de pensamentos críticos, conceitos, crenças e valores, necessita da construção e idealização de saberes e informações, já que os sujeitos sociais constroem conhecimentos a partir de experiências e trocas de vivências e, dentre elas, têm importante destaque aquelas originadas nas vivências escolares.

Assim, voltar-se-á o olhar à profissão docente cujo percurso desafiador concentra-se principalmente na primeira etapa da Educação Básica (EB) e na atividade laboral da pequena parcela de professores homens que (re)existem na Educação Infantil (EI). Nesse sentido, não se pode questionar a atuação dos profissionais da educação quanto à participação na difusão da educação bem como a amplitude de importância na contribuição para a condução de uma sociedade mais igualitária.

O estudo de Marcelo García (2010, p. 16) demonstra que a razão principal para a escolha em ser docente e sua posterior permanência na profissão “é uma motivação intrínseca, fortemente ligada à satisfação por conseguir que os alunos aprendam, desenvolvam capacidades, evoluam e cresçam”. Dessa forma, pensar a docência na condução social é criar encorajamentos com vistas à mudança individual e coletiva nos indivíduos para a formação de cidadãos éticos e reflexivos, o que em muito contribui com o processo educacional e social dos sujeitos. Para além, espera-se contribuir com a abertura de caminhos que possibilitem (re)construções de novas aceitações do professor homem na atividade laboral, da EI que atualmente é majoritariamente feminina, sem perder de vista a dimensão social que o caracteriza.

Consubstanciar o surgimento da paixão pelo tema ainda pouco aprofundado na Psicologia Social é vislumbrar possibilidades de descrever as subjetividades em relação às apreensões que serviram e servirão sempre de ponto de partida e chegada para novos caminhos que serão percorridos como pesquisadores. Narrar a singradura da figura do

professor homem em espaços escolares, principalmente os que contemplam a EI transcende transformações sócio-histórico-culturais, refutando muitas vezes a contemporaneidade deste contexto socioeducativo formado pela atual geração. Afinal, as interconexões entre os sujeitos exigem dos pesquisadores (re)pensarem estratégias a serem construídas nesta nova área de saber com vistas às subjetividades.

A docência de professores homens na EB, especificamente na EI é considerada um recorte dentro da categoria profissional, cuja predominância é hegemonicamente feminina. Por representarem uma diversidade em seus contextos laborais, os docentes homens que se dedicam a essa práxis encontram frequentemente barreiras das mais diversas naturezas. A EI é a primeira etapa da Educação Básica (EB) e corresponde à finalidade o “desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (Brasil, 2013).

A presença masculina no campo da Educação Infantil (EI) instaura uma controvérsia, afinal, o magistério com crianças é historicamente associado a uma dita natureza feminina, que supostamente está presente em todas as mulheres e, por isso, torna-as competentes e habilidosas. Por conta dessa herança histórico-cultural, homens inseridos no exercício profissional encontram dificuldades singulares, como o estranhamento pela escolha da profissão, associação a pedofilia, questionamentos diante da orientação sexual, além de discriminação, olhares de suspeita e o preconceito (SILVA *et al.*, 2023, p. 1).

Nesta etapa, constata-se um ambiente composto quase exclusivamente por mulheres como descrito na recente pesquisa de Silva *et al.* (2023), os quais reforçam que, embora nos últimos anos tenha havido um importante progresso no que concerne aos ideais e valores na sociedade, homens que se dedicam à docência são ainda poucos, em especial na EI.

Nos estudos de Pereira (2016) é visto que as sociedades ocidentais modernas identificaram características básicas de masculinidades e feminilidades com base em aspectos biológicos. Frisa-se, que a normalização da dicotomia masculino-feminino finalmente estabeleceu um modo de pensar segundo o qual existe um modo feminino e um modo masculino, com comportamentos, atividades e funções que são entendidas como próprias desse binarismo. Isto posto, no dia a dia na Educação Infantil, a cristalização dos papéis masculino e feminino podem levar à categorização e hierarquização de diferentes práticas, que criam por vezes diferenças entre comportamentos considerados “anormais” e “normais” para a sociedade.

Todavia, tanto o conceito atual de educação infantil quanto o educar da criança pela via não assistencialista existem a partir do *modus operandi* contemporâneo e constituem-se resultados de transformações históricas, sociais, políticas, econômicas e culturais. Significa dizer que a educação infantil enquanto um direito da criança representa a perspectiva vigente, diferentemente do seu modo anterior, intimamente associado as modificações históricas da infância (SILVA; JÚNIOR, 2023, p. 6).

Se por um lado, a questão da sexualidade está presente de modo universal na vida humana atravessando os aspectos psíquicos e singulares de cada indivíduo, do outro conceituá-la está longe de ser algo simples. Conforme Bearzoti (1994) existe um esforço para tornar a sexualidade um tabu, alvo de repressões, distorções e reducionismos aos aspectos genitais e reprodutivos, ainda, o autor aponta que o conceito de sexualidade varia de acordo com aspectos psicológicos e antropológicos, influenciado pelo ponto de vista de quem o conceitua.

Neste *corpus* de entendimento, Moizés e Bueno (2010), salientam que por ter sido velada, é comum a efervescência de concepções que relacionam a sexualidade a algo sujo, pecaminoso e proibido, algo obsceno em si. Essa afirmativa é justificada por Foucault (2020) a partir da herança histórica, na qual a sexualidade pertenceu ao domínio da ordem religiosa e moral, influenciando nos mecanismos de controle, institucionalização e discursos. Este reflexo histórico dificulta os processos de orientação, promoção da saúde sexual e a educação sexual propriamente dita. Ainda, soma-se a questão das relações de gênero, elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos (Scott, 1990). Gênero e sexualidade são trabalhados dentro do limite pedagógico, de modo não diretivo e não evasivo, pois uma das missões da escola é a discussão de tabus, crenças e preconceitos existentes na sociedade, conforme é explanado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997).

Ancorado nos estudos com foco na desigualdade sexual do trabalho Silva et al. (2020) ressaltam que o professor homem na EI é estigmatizado como abusador e homossexual. E, se tratando especificamente das temáticas das relações de gênero e das masculinidades, o alvo epistemológico deste artigo, está na ótica dos desafios e possibilidades da técnica do GF em pesquisas com professores homens da EI no contexto educacional brasileiro e nos atravessamentos da divisão sexual do trabalho em interlocução com a Psicologia Social. É diante desta complexa questão que o texto direciona o olhar para esses professores com

atividade laboral na EI, pois são construções sócio-históricas que precisam ser problematizadas e desfamiliarizadas.

Assim, para além, objetiva-se realizar um contraponto epistemológico com vistas à desnaturalizar compreensões correntes das masculinidades visando a constituição de um percurso que aborde a condição feminina na sociedade e as bases da “dominação” masculina e suas possibilidades de subversão. Serão sublinhados os pilares estruturais da lógica do patriarcalismo e a vivência destes professores homens para negritar igualmente as relações de gênero e das masculinidades, seus pontos de fuga e suas constatações internas. Sobretudo, analisar nesta perspectiva os desafios e possibilidades da técnica do GF, considerando as singularidades que constituem a atuação masculina na EI.

Isto posto, o técnica do GF é um recurso qualitativo e conta com a discussão de dilemas, desafios e possibilidades de estruturação, aplicação, tendo em vista o seu *modus operandi* nas pesquisas contemporâneas. O GF, conforme Borges e Santos (2005) possui relevância na aproximação entre pesquisadores e população alvo; pode contribuir para dar voz a grupos que tradicionalmente não são ouvidos. Esta técnica de coleta de informações pode ser percebida não só como técnica, mas como instrumento potencial social transformador, afinal, a visibilidade e a escuta como constituintes são imprescindíveis para a quebra de estereótipos, tabus e preconceitos e, conseqüentemente, para transformações sistêmicas.

Desse modo, o GF pode ser percebido não só como uma técnica, mas como um instrumento de potencial social transformador, afinal, a visibilidade e a escuta como constituintes são imprescindíveis para a quebra de estereótipos, tabus e preconceitos e, em consequência, para transformações sistêmicas.

Considerando que esta técnica é utilizada quando o pesquisador possui o objetivo de coletar informações sobre um determinado tema específico pela via da discussão entre os participantes, que, reunidos em um mesmo local e durante um determinado tempo, se ocupam dos aspectos referentes à temática (Dall'Agnol *et al.*, 2012), a relevância do artigo reside tanto no olhar para o GF enquanto técnica quanto para a valorização dos conteúdos, significantes e simbólicos que permeiam as discussões que envolvem as experiências, emoções e sentimentos dos participantes.

Tendo em vista o potencial do GF no fornecimento de subsídios teóricos e metodológicos para investigações posteriores, é tangível que o artigo contribua para a

soluções do desconhecimento sobre sua aplicação científica. Por fim, é perceptível que o GF pode ser considerado uma abertura para a realidade e experiências do público alvo, que possibilita a expressão de sujeitos pertencentes a uma determinada realidade, o que é fundamental em estudos qualitativos.

2. Considerações sobre a pesquisa qualitativa

No que se refere a execução dos objetivos propostos, o texto será conduzido a partir da definição de Gil (2002), que entende a pesquisa como um procedimento minucioso e racional, cujo objetivo é proporcionar explicações às problemáticas identificadas. Assim, no campo científico, é notável que as diversas áreas de conhecimento tem utilizado como fundamento metodológico as investigações qualitativas, dado o demonstrável aporte de publicações em periódicos de impacto internacional na última década a partir dessa metodologia. A pesquisa qualitativa, conforme Minayo (2014) parte de um olhar interpretativo e analítico de determinada realidade e está ligada a perspectiva subjetiva e intersubjetiva das relações humanas.

A partir do método qualitativo é possível abranger a intencionalidade, os significados simbólicos dos fenômenos, às relações e estruturas sociais, pois parte fundamentalmente do objetivo de compreender crenças, comportamentos, atitudes e valores em um específico contexto (Da Nóbrega Tomaz-Moreira *et al.*, 2007).

Diferentemente do método quantitativo, cujas características envolvem a busca por respostas, preocupação com causa e efeito, distanciamento do fato pesquisado, testagem de hipóteses e estabelecimento de correlações estatísticas, o método qualitativo apreende o objeto pela subjetividade, envolvendo o pesquisador. Conta também, com a observação naturalística, análise de discurso e de conteúdo, ainda, busca interpretar a relação de significações (Pasqualotti; Portella, 2003). As investigações qualitativas contam com uma variedade de técnicas de coletas de informações, para tal, pesquisadores valem-se de materiais empíricos como estudos de caso, introspecção, história de vida, entrevista, textos, produções culturais, observação, grupos focais, entre outros (Denz; Lincoln, 2006).

2.1. O grupo focal como técnica qualitativa

O GF é de origem anglo-saxônica e foi mencionado pela primeira vez em 1920 como uma técnica de pesquisa em marketing, posteriormente, foi considerado referência em pesquisas no final da década de 40 e alcançou as ciências sociais graças a Robert Merton, que

em 1950 buscou estudar as reações das pessoas à propaganda de guerra e, desse modo, o popularizou (Trad, 2009; Zimmermann; Martins, 2008).

Não diretivo, o principal objetivo do GF é a mediação e a discussão de um grupo de pessoas, uma vez que valoriza a interação entre os participantes. Essa técnica tem como vantagem o aprofundamento em uma temática *sui generis* e a captação de fenômenos vinculados aos processos subjetivos e emocionais dos participantes, indo ao encontro dos objetivos da pesquisa para, na análise das informações, buscar a compreensão sistêmica de um determinado contexto (Araujo; Bavaresco, 2021). A utilização do GF como técnica de coleta de informações é apropriada na medida em que o objetivo é explicar como os participantes consideram uma ideia ou experiência durante os encontros, cujos dados podem levar à informações sobre pensamentos, sentimentos e comportamentos. Sobre isso, Nóbrega et al. (2016, p. 438) apontam que:

O grupo focal, por provocar a conversação entre os participantes de uma pesquisa, torna-se um espaço propício para a circulação e emergência de saberes com racionalidades distintas. Desse modo, os participantes do grupo, diante de um tópico de discussão, comunicam-se e assumem posicionamentos, norteados por determinados saberes que podem ser colocados em uma posição de conflito com outros.

Assim, além do GF possibilitar o desvelamento de fenômenos por meio da interação sobre tema determinado pelo investigador é também sustentado pela inter-relação, comunicação e participação ativa, seja do pesquisador, seja dos participantes (Morgan, 1997). A partir desta técnica será possível compreender as opiniões, relevâncias e valores dos participantes, dada a abertura para *insights* e a discussão realizada nos encontros (Minayo, 2006).

Adiante, Prates et al. (2015) destacam que nas pesquisas com GF, é possível valer-se de materiais como fotografias, vídeos, textos, músicas, dinâmicas para estimular as discussões, tendo em vista a troca de saberes e experiências, ainda, começa-se com interrogações e apreciações de caráter genérico para, posteriormente adentrar na questão focal do estudo, ou seja, para realizar o necessário aprofundamento.

Contudo, de acordo com Backes et al. (2011) alguns participantes podem experimentar a sensação de repressão e desencorajamento em opinar, uma vez que dependendo da dinâmica, pode ser potencializadora de uma relação aversiva entre pares, o que convida a atenção do pesquisador para esta problemática e o necessário manejo.

Nesse viés, Gomes e Barbosa (1999) apontam como principais desafios e limitações do grupo focal o formato flexível, a ausência de dados quantitativos dos participantes, a seleção criteriosa dos participantes, a ausência de fator de generalização, a falta de garantia de anonimato total, a exigência de competências e habilidades do moderador a partir de suas experiências como facilitador em grupos e o manejo do conteúdo das discussões, uma vez que podem se extraviar do foco do estudo, além do constante exercício de contextualização.

Para tanto, Malhotra (2001) destaca os aspectos vantajosos e desvantajosos do uso do GF. Entre os vantajosos encontram-se velocidade, sinergismo, estímulo constante, segurança, espontaneidade, estrutura, efeito snowball, escrutínio científico e especialização, do outro lado, a autora aponta como desvantagens o uso e julgamento incorreto, confusão, apresentação enganosa e difícil manejo do moderador.

Outra questão que exige reflexão por parte dos pesquisadores é se o GF como técnica está alinhado ao objetivo da pesquisa, afinal, exige uma articulação com as questões que orientam o estudo, e, nesse sentido, vale o questionamento se a técnica é capaz de responder o formato das questões elaboradas (Xavier, 2008).

Para Trad (2009) faz parte do propósito do GF a focalização na pesquisa e formulação de questões específicas e precisas, orientação do pesquisador para um campo de investigação com linguagem e identidade local, desenvolvimento de hipóteses para estudos complementares, elaboração de instrumentos de pesquisa, entre outros.

2.2. O Grupo Focal na prática

No *corpus* de Busanello *et al.* (2013), existem parâmetros a serem definidos na estrutura do GF, incluindo:

- a) composição do grupo;
- b) número de grupos e participantes;
- c) número e duração das sessões;
- d) local e ambiente de realização das sessões;
- e) formas de registro;
- f) apresentação dos resultados; e
- g) associação com outras técnicas.

A partir destes parâmetros, o ideal é realizar um planejamento prévio, que, conforme Zimmermann e Martins (2008) é relevante pela visualização necessária das particularidades, bem como pela elucidação das etapas que conduzem ao objetivo. Na etapa logística, Xavier

(2008) a classifica como subsequente ao planejamento e é nesse momento que os parâmetros ganham forma, ou seja, são definidos o local, o tipo de coleta de material, a quantidade de encontros, data e horários. Ainda, Zimmermann e Martins (2008) destacam nesta etapa o convite, cronograma, orçamento, equipe, conteúdo da sessão e modo de condução. O quadro a seguir apresenta os detalhes de cada procedimento realizado na etapa logística.

Quadro 1. Procedimentos do Grupo Focal realizados na etapa logística

Procedimento	Descrição	Fonte
Equipe	Conta com um mediador, papel este que pode ser desempenhado pelo próprio pesquisador. Sugere-se que exista também um relator ou um observador.	Guerra (2014)
Orçamento	Contemplar custos com equipamentos, materiais de expediente, coquetel e diversos.	Zimmermann e Martins (2008)
Grupo	É composto de seis a dez participantes e necessita ser homogêneo.	Trujillo (2001)
Conteúdo	Precisa ser construído conforme os objetivos da pesquisa, para tal, as questões devem ser ordenadas das mais gerais para as mais específicas, de acordo com a importância relativa à pesquisa, a contar gradativamente com questões desestruturadas, estruturadas e genéricas.	Silva (2007)
Ambiente	O ideal é uma sala que abrigue confortavelmente o número previsto de participantes e moderadores e que esteja protegida de ruídos e interrupções externas. Os participantes podem ser distribuídos em torno de uma mesa retangular ou oval, ou dispostos em cadeiras arrumadas em forma circular.	Trad (2009)
Recursos	O uso desta técnica necessita de recursos, tais como gravação e/ou filmagem das falas.	Zimmermann e Martins (2008)
Convite	Sugere-se a elaboração de uma lista de potenciais participantes, que precisa levar em consideração as contribuições das pessoas aos objetivos da pesquisa, bem como suas características.	Oliveira et al. (2007)
Cronograma	Necessita abranger temporalmente o planejamento, condução e análise.	Zimmermann e Martins (2008)

Fonte: Elaboração dos autores a partir do cruzamento de bases mencionadas na seção metodológica (2023).

Nota-se que o GF possui uma estrutura de referência para os pesquisadores de forma que não só favoreça a comunicação e interação entre pares como também permita o fluxo de ideias, *insights* e a manifestação das representações sociais de determinado grupo. A partir do GF, não há, meramente, um emergir do conteúdo discursivo em torno das estruturas de

representação dos participantes, mas há, de fato, uma abertura para o estudo dos processos sociais, intra, inter e extrasubjetivos que se relacionam com as vivências, sentimentos e experiências dos participantes (Nóbrega et al., 2016).

3. Inquietações

Os professores da Educação Infantil estão inseridos em um contexto profissional cuja divisão sexual do trabalho está em evidência e é potencializadora das vivências de prazer, sofrimento, contradições e ambiguidades diante de suas identidades profissionais. Para o homem, o magistério infantil é atravessado por desconfiança, preconceito e estranhamento, uma vez que a predominância das mulheres na EI corrobora para a manutenção do discurso patriarcal, no qual a mulher possui uma essência inata cuidadora, de uma inclinação para os tratos com a criança, para “maternar” (Louro, 1997).

Nessa perspectiva, a ausência da figura masculina na EI é também um reflexo da mesma lógica. Gonçalves (2009) corrobora com Zanello (2018) ao explicar que a noção endossada pelo patriarcado de que as mulheres possuem, intrinsecamente, maiores habilidades para desenvolver o trabalho educativo com crianças de 0 a 5 anos de idade culminou não só na exclusão masculina, como também no estranhamento, preconceito e estigma associado ao homem que passou a representar uma diversidade ao romper com o status quo e se inserir profissionalmente em um contexto majoritariamente feminino (SAYÃO, 2002).

Desse modo, é perceptível que, ao ampliar o debate sobre trajetórias de professores homens na EI representa avanços sistêmicos na compreensão da identidade profissional destes docentes. Para Giffin (2005), isso se deve a evolução das teorias feministas, que, em um paradigma anterior ao século XX, consideravam os homens como aprioristicamente beneficiados pela dominação masculina, todavia, essa concepção foi superada pelo conceito de “masculinidades”, quando foram destacados os prejuízos e opressões de ordem subjetivas advindos do patriarcado seja para homens que se desviavam de uma norma-padrão, seja para mulheres de modo a permitir questionamentos sobre estas modelagens hierárquicas e dicotômicas nesta atividade laboral.

São, portanto, as questões de gênero construídas historicamente que perpassam esse cenário social e estabelecem as funções e o fazer de homens e mulheres a partir de uma lógica cultural.

Entende-se por gênero os traços de masculinidade e de feminilidade encontrados em uma pessoa, os gostos, a forma de falar e de se vestir, esses traços socialmente definidos tem influência direta na questão do gênero. Em outras palavras, quando reagimos a alguém como masculino ou feminino, não precisamos necessariamente ver se ele/ela tem pênis, vagina ou seios, é a forma de se comportar socialmente que nos dá essa percepção, assim o gênero é um fato visível a maior parte do tempo, o sexo não (MELO; SOBREIRA, 2018, p. 382-383).

Nesse sentido, esses profissionais possuem, de modo apriorístico, o preconceito introjetado em suas identidades profissionais, o que corrobora para a reflexão sobre a masculinidade no fazer pedagógico, afinal, a pedagogia como ciência e profissão possui referências teóricas e epistemológicas masculinas, como Jean Piaget, Lev Vygotsky, Henri Wallon, Donald Winnicott, Paulo Freire, entre outros. Porém, na cotidianidade do contato com as crianças, a posição do homem pedagogo é afetada negativamente pelas questões de gênero. Visto que, esse lugar social foi conquistado e ocupado, em sua maioria, por mulheres que estão intimamente associadas a tarefa do cuidado e a trabalhos que exigem menos força e esforço, em relação aos homens.

Numa classificação designada restritamente ao estudo da gramática até a década de 1970, o termo “gênero” apresenta-se como derivação da palavra latina *genus*, traduzida para o português como: “raça”, “tipo”, “variedade”. Posteriormente assimilou-se o termo a uma aproximação mais contemporânea, quando o psicólogo Jhon Willian Money em uma de suas obras atribui ao gênero as características culturais relativas ao sexo, identificação muito próximas ao uso que fazemos hoje (SILVA et al., 2020, p. 156-157).

Ainda, colaborando na mesma premissa de entendimento, Judith Butler (2018, p. 26), ressalta que há uma distinção entre gênero e sexo:

Concebida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: consequentemente, não é nem o resultado causal do sexo nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo, logo, existe uma multiplicidade do conceito gênero abrindo possibilidades e múltiplas interpretações no que tange o sexo.

Desse modo, a problemática do estudo reside na necessidade de delinear os desafios e possibilidades da técnica do GF diante deste público alvo, tendo em vista o contexto exíguo da masculinidade na EI.

3.1. Justificativa do artigo

Este artigo se justifica em virtude da necessidade de ampliar a discussão para as especificidades da técnica do GF diante do público alvo mencionado, ou seja, professores

homens da EI. Sua pertinência se dá a medida em que se propõe delinear os alcances e limitações da técnica e ao mesmo tempo destacá-la no campo da psicologia social, o que vai ao encontro da problemática que permeia as *práxis* desses sujeitos na EI.

Discorrer sobre as possibilidades e limitações da técnica do GF com estes professores como necessidade de abrir espaço para novas construções teóricas que resgatem o caráter plural, polissêmico e crítico sobre sexualidade e gênero. Por fim, vale destacar que uma das motivações do texto é a construção de um panorama geral da técnica diante da singularidade do público alvo, para assim fornecer subsídios epistemológicos em futuras aplicações.

4. Método

O texto se insere metodologicamente como uma revisão de literatura de abordagem qualitativa e também descritiva. Para Minayo (2002) a investigação qualitativa advém de uma concepção interpretativa e analítica de uma certa realidade, abrangendo os valores, crenças, culturas, coordenadas históricas e aspectos éticos presentes nas interações.

De acordo com Martínez Pérez (2012), a perspectiva qualitativa objetiva a compreensão de situações em determinados contextos sociais e enfatiza a qualidade dos fenômenos estudados, que não podem ser reduzidos em termos de frequência, volume ou quantidade, como é realizado no viés quantitativo. Para além, o método qualitativo permite uma análise sofisticada das construções sociais e de seus respectivos impactos.

Adiante, valeu-se do objetivo de compreender o lugar da técnica do GF em pesquisas qualitativas em interlocução com a Psicologia Social, para tanto, foi realizada uma revisão sistemática de literatura com dados coletados em janeiro de 2023 com a combinação das seguintes palavras-chaves nos portais de pesquisa Google Acadêmico, *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e o Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC): grupo focal e psicologia, grupo focal e pedagogia, grupo focal e educação infantil. Os critérios de inclusão foram publicações nacionais, com textos completos na versão eletrônica produzidos nos últimos 20 anos (2003 até Janeiro de 2023), com eliminação a partir de resumos. Foram excluídos artigos que se distanciavam da temática apesar da combinação de palavras-chaves e também anais de congressos e conferências.

Destaca-se que a premissa norteadora do estudo foi o estabelecimento de um conjunto de dados suficientemente alinhados ao objetivo de verificar, primeiramente, o lugar do GF nas investigações da Psicologia, e, em segundo lugar, o delinear dos alcances e barreiras

desta técnica nas pesquisas, com ênfase em refletir criticamente sobre sua viabilidade com os professores da EI.

Para o delineamento da seleção dos artigos foram encontrados 43.882 manuscritos, desses, foram excluídos 43.860 por distanciarem-se da temática e por situarem-se abaixo do recorte temporal (utilizou-se filtros próprios das bases de buscas) e 9 por duplicidade (verificado por meio de filtros no *Software Excel*). Portanto, 13 artigos corresponderam ao total do corpus analisado. Em percursos qualitativos, o processamento de conteúdo precisa estar paralelo ao problema-alvo da investigação (DE LUNA, 1988). Partindo desta persuasão, a técnica utilizada para analisar os dados também teve amparo na adaptação do método de análise de Pinheiro (1983) que, em reformulação conceitual da Lei de Bradford, construiu etapas para a transcrição dos dados por meio de planilha eletrônica do *Software Excel* (2023).

Nesse sentido, após a seleção dos 13 artigos, foi realizada a revisão sistemática de literatura estruturada em 5 etapas:

- a) escolha preliminar das fontes diretas e indiretas relacionadas ao tema;
- b) definição de critérios de inclusão e exclusão;
- c) identificação das referências bibliográficas aptas para o tema;
- d) agregação dos resultados de estudos; e por fim
- e) o desenvolvimento da análise crítica e reflexiva do conteúdo.

Em seguida, os dados foram analisados a partir da análise de conteúdo de Bardin (2011) que possibilitou uma apreensão do material manifesto nas comunicações, incluindo artigos. Essa técnica foi realizada conforme a recomendação de seu precursor, ou seja, em três etapas:

- a) leitura do material;
- b) seleção do material empírico a ser analisado seguindo os requisitos da análise da temática proposta para estudo; e
- c) escolha das categorias analíticas mediante os objetivos deste estudo.

5. Resultados de discussão

Resultou-se da revisão sistemática de literatura a seleção de 13 artigos, dados os critérios de inclusão e exclusão anteriormente expostos. Este processo está circunscrito no Quadro 3, que contém detalhadamente a seleção a partir dos títulos, resumos e artigos.

Adiante, foram realizadas as três etapas de análise de conteúdo de Bardin (2011). Nela, apresentou-se que o conteúdo manifesto dos artigos foi, fundamentalmente, a aplicação da

Transversalizando viabilidades do Grupo Focal com professores homens da Educação Infantil

técnica do GF com ênfase nas percepções, historicidade, experiência e identidade dos participantes.

Quadro 2. Busca nas bases de dados e seleção a partir dos critérios inclusão e exclusão e palavras-chave

Base de Dados	Títulos		Resumos		Artigos	
	Total	Aceitos	Total	Aceitos	Total	Aceitos
SciELO	76	38	32	15	14	5
Google Acadêmico	43.600	120	114	18	10	6
PEPSIC	6	2	4	2	4	2

Fonte: Elaboração dos autores a partir do cruzamento de bases mencionadas na seção metodológica (2023).

Quadro 3. Seleção dos artigos a partir dos critérios inclusão e exclusão e palavras-chave

Número	Periódico	Título
1	Humanidades & Inovação (2021)	Desafios metodológicos dos grupos focais: reflexões sobre memória.
2	O mundo da saúde (2011)	Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas.
3	Revista da SPAGESP (2005)	Aplicações da técnica do grupo focal: fundamentos metodológicos, potencialidades e limites.
4	Cogitare Enfermagem (2013)	Grupo focal como técnica de coleta de dados.
5	Revista Gaúcha de Enfermagem (2012)	A noção de tarefa nos grupos focais.
6	Administração on line (2005)	Focus group em pesquisa qualitativa–fundamentos e reflexões.
7	Educativa (2019)	A técnica educativa de grupos focais para obtenção de dados qualitativos.
8	Revista de Administração (2007)	O Processo de construção dos grupos focais na pesquisa qualitativa e suas exigências metodológicas.
9	Cadernos de Saúde Pública (2015)	A utilização da técnica de grupo focal: um estudo com mulheres quilombolas.
10	Psicologia & Sociedade (2016)	Pesquisa com grupo focal: contribuições ao estudo das representações sociais.
11	Physis: revista de saúde coletiva (2009)	Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde.

12	Artigo da Revista SOCED (2008)	A técnica do grupo focal na pesquisa com as elites escolares.
13	Congresso Nacional de Educação (2008)	Grupo focal na pesquisa qualitativa: relato de experiência.

Fonte: Elaboração dos autores a partir do cruzamento de bases mencionadas na seção metodológica (2023).

6. Considerações finais

Como Bardin (2011) propunha, a análise de conteúdo foi categorizada, e, na presente pesquisa, se deu em duas instâncias, sendo:

a) GF e representações sociais, e

b) aspectos técnicos do GF, tal divisão justifica-se por conter, como alvo epistemológico, tanto a relação técnica-público alvo (categoria a) quanto a aplicação da técnica, ou seja, uma dimensão teórica e procedimental do GF (categoria b).

Como resultado, a primeira categoria abrangeu a relação histórica entre o GF e a Psicologia Social, o que dialoga com a interrelação entre GF e representações sociais mapeada na revisão de literatura. Infere-se que o GF enquanto recurso técnico para acessar as representações sociais dos participantes é frequentemente utilizado pelos pesquisadores da Psicologia e também da Sociologia, que visualizam nessa técnica os procedimentos necessários para atingirem os seus objetivos.

Constatou-se na segunda categoria que os 13 artigos delinearão o GF em termos de procedimentos e revisitaram suas bases históricas, o que corrobora tanto para a desmistificação do uso da técnica quanto para um maior conhecimento de suas potencialidades. Essa categoria abrangeu as considerações das limitações e alcances técnicos, favorável ao objetivo do presente texto.

Tendo em vista os resultados, nota-se que a técnica do GF, direcionada aos professores da EI possibilitou o acesso à realidade particular dessa categoria que é dotada de uma representação social desfavorável e de vivências laborais desafiadoras. O GF é, portanto, um recurso de grande-valor para o desenvolvimento de pesquisas cujo público alvo se identifiquem com os que foram selecionados para a construção desta pesquisa.

A partir do GF, os professores da EI conseguiram construir uma articulação entre pares significativa, o que permitiu uma leitura contextualizada das contradições, experiências e percepções que permeavam e atravessaram o fazer pedagógico.

Nesse viés, as vantagens do GF residem no preenchimento da lacuna epistemológica e no avanço da literatura científica, o que implica novas aberturas para a apreensão das subjetividades do público-alvo. Para além, a partir da realização do GF, foi possível validar empiricamente os alcances da subjetividade docente e, ao mesmo tempo, explorar as relações destes em tom expansivo e não reducionista.

Assim, sustenta-se que o professor homem pode e deve exercer sua *práxis* na EI da mesma maneira como nas outras etapas da EB com vistas à ultrapassar principalmente os reforçadores de estigma social por senso comum.

Referências

ARAUJO, Margarete Panerai; BAVARESCO, Salete. Desafios Metodológicos dos Grupos Focais: reflexões sobre memória. **Humanidades & Inovação**, v. 8, n. 65, p. 343-357, 2021. Disponível em:

<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/4035>. Acesso em: 7 jan. 2023.

BACKES, Dirce Stein et al. Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. **O mundo da saúde**, v. 35, n. 4, p. 438-442, 2011. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/artigos/grupo_focal_como_tecnica_coleta_analise_dados_pesquisa_qualitativa.pdf. Acesso em: 7 jan. 2023.

BARDLN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: edições, v. 70, p. 225, 2011.

BEARZOTI, Paulo. Sexualidade: um conceito psicanalítico freudiano. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria**, v. 52, p. 113-117, 1994. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0004-282X1994000100024>. Acesso em: 7 jan. 2023.

BORGES, Camila Delatorre; SANTOS, Manoel Antônio dos. Aplicações da técnica do grupo focal: fundamentos metodológicos, potencialidades e limites. **Revista da SPAGESP**, v. 6, n. 1, p. 74-80, 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702005000100010. Acesso em: 7 jan. 2023.

BRASIL. **Lei nº 12.796**, de 4 de abril de 2013. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12796.htm. Acesso em: 7 jan. 2023.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BUSANELLO, Josefine et al. Grupo focal como técnica de coleta de dados. **Cogitare Enfermagem**, v. 18, n. 2, p. 358-364, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4836/483649271022.pdf>. Acesso em: 7 jan. 2023.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Editora José Olympio, 2018.

DA NÓBREGA TOMAZ-MOREIRA, Simone et al. Fundamentos da abordagem qualitativa para pesquisas em saúde sexual e reprodutiva. **Revista Colombiana de Obstetrícia e Ginecologia**, v. 58, nº. 1 pág. 27-37, 2007. Disponível em:

http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-74342007000100005.

Acesso em: 7 jan. 2023.

DALL'AGNOL, Clarice Maria et al. A noção de tarefa nos grupos focais. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 33, p. 186-190, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1983-14472012000100024>. Acesso em: 7 jan. 2023.

DE LUNA, Sérgio Vasconcelos. O falso conflito entre tendências metodológicas. **Cadernos de Pesquisa**, n. 66, p. 70-74, 1988. Disponível em:

<https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1207>. Acesso em: 8 ago. 2022.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Artmed, 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: as confissões da carne**. Vol. 4. Editora Paz e Terra, 2020.

GIFFIN, Karen. A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 10, p. 47-57, 2005. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/S1413-81232005000100011>. Acesso em: 12 jan. 2023.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIOVINAZZO, Renata A. Focus group em pesquisa qualitativa–fundamentos e reflexões. **Administração on line**, v. 2, n. 4, 2005. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/rpot/article/download/7071/6544/0>. Acesso em: 7 jan. 2023.

GOMES, Maria Elasir S.; BARBOSA, Eduardo F. **A técnica educativa de grupos focais para obtenção de dados qualitativos**. 1999.

GOMES, Maria Elasir S.; BARBOSA, Eduardo F. **A técnica educativa de grupos focais para obtenção de dados qualitativos**. Educativa Instituto de Pesquisas e Inovações Educacionais. Disponível em:

https://www.academia.edu/5227600/A_T%C3%A9cnica_de_Grupos_Focais_para_Obt%C3%A7%C3%A3o_de_Dados_Qualitativos, 2019. Acesso em: 7 jan. 2023.

GONÇALVES, Josiane Peres. **O perfil profissional e representações de bem-estar docente e gênero em homens que tiveram carreiras bem-sucedidas no magistério**. 2009. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/2661/1/000412611-Texto%2BCompleto-o.pdf>. Acesso em: 12 out. 2023.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual pesquisa qualitativa**. Editora Ânima Educação, 2014. Disponível em:

<https://docente.ifsc.edu.br/luciane.oliveira/MaterialDidatico/P%C3%B3s%20Gest%C3%A3o%20E%20scolar/Legisla%C3%A7%C3%A3o%20e%20Pol%C3%ADticas%20P%C3%ABlicas/Manual%20de%20Pesquisa%20Qualitativa.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2023.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula in: DEL PRIORI, Mary (org). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: contexto. 1997, p. 443-481.

MALHOTRA, Naresh K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. Bookman Editora, 2001.

MARCELO GARCÍA, Carlos. **O professor iniciante, a prática pedagógica e o sentido da experiência. Formação docente**, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11441/31834>. Acesso em: 12 out. 2023.

MARTÍNEZ PÉREZ, Leonardo Fabio. **Questões sociocientíficas na prática docente**: ideologia, autonomia e formação de professores. 2012. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/bd67t>. Acesso em: 7 jan. 2023.

MELO, Talita Graziela Reis; SOBREIRA, Maura Vanessa Silva. **Identidade de gênero e orientação sexual**: perspectivas literárias, 2018. Disponível em: <https://temasemsaude.com/wp-content/uploads/2018/09/18321.pdf>. Acesso em: 7 jan. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade, 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 80.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14 ed. São Paulo: Hucitec, 2014, p. 407.

MOIZÉS, Julieta Seixas; BUENO, Sonia Maria Villela. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 44, 2010, p. 205-212. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0080-62342010000100029>. Acesso em 7 jan. 2023.

NÓBREGA, Danielle Oliveira; ANDRADE, Erika dos Reis Gusmão; MELO, Elda Silva do Nascimento. Pesquisa com grupo focal: contribuições ao estudo das representações sociais. **Psicologia & Sociedade**, v. 28, p. 433-441, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/CqXM8M9QSMsjN4wc5hHcVzs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 7 jan. 2023.

OLIVEIRA, Alysson André Régis de; LEITE FILHO, Carlos Alberto Pereira; RODRIGUES, Cláudia Medianeira Cruz. **O Processo de construção dos grupos focais na pesquisa qualitativa e suas exigências metodológicas**. Rio de Janeiro, 2007.

PASQUALOTTI, Adriano; PORTELLA, Marilene Rodrigues. **Quantitativo-Qualitativo**: o que precisamos saber sobre os métodos. Universidade de Passo Fundo. Faculdade de Educação, 2003.

PEREIRA, Maria Arlete Bastos. **Professor homem**: o estrangeiro na educação infantil. Appris, 2016.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. **Lei de Bradford**: uma reformulação conceitual. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1983. Dissertação (Mestrado em Ciência da Computação) Universidade Federal do Rio de Janeiro, IBICT/UFRJ. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/15/1/1498-4664-1-PB.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2022.

PRATES, Lisie Alende et al. A utilização da técnica de grupo focal: um estudo com mulheres quilombolas. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 31, 2015, p. 2483-2492. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00006715>. Acesso em 7 jan. 2023.

SAYÃO, Deborah Thomé. Relações de gênero na creche: os homens no cuidado e educação das crianças. In: **25ª Reunião Anual da Anped**, 2002. Caxambu. Anais, Minas Gerais: Anped, 2002. Disponível em: [/25reuniao.anped.org.br/tp25.htm#gt7](https://25reuniao.anped.org.br/tp25.htm#gt7). Acesso em: 7 jan. 2023.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**,

v. 15, n. 2, jul./dez., 1990. Disponível em:

https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1210/scott_gender2.pdf. Acesso em: 10 out. 2022.

SILVA, Carla Lemos da et al. **O grupo focal como técnica de pesquisa no diagnóstico de relações públicas**. 2007. 135 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

Disponível em: <http://hdl.handle.net/10923/2148>. Acesso em: 7 jan. 2023.

SILVA, Renan Mota et al. O homem pedagogo e o mercado de trabalho: oportunidades e desafios. **Perspectivas em Diálogo**: revista de educação e sociedade, v. 7, n. 14, 2020, p. 148-154. Disponível em: <https://intermeio.ufms.br/index.php/persdia/article/view/9323>. Acesso em: 7 jan. 2023.

SILVA, Renan Mota; et al. Há acesso para professores homens na educação infantil? **EccoS – Revista Científica**, [S. l.], n. 66. 2023. Disponível em:

<https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/22845>. Acesso em: 12 out. 2023.

SILVA, Renan Mota; JÚNIOR, Leandro Passarinho Reis. Transversalizando a prática do professor homem na Educação Infantil. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 6, n. 20, 2023, p. 321-344. Disponível em:

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/15307>. Acesso em: 12 out. 2023.

TRAD, Leny A. Bomfim. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis: revista de saúde coletiva**, v. 19, n. 3, p. 777-796, 2009. Disponível em:

<https://www.scielo.org/pdf/physis/v19n3/a13v19n3.pdf>. Acesso em: 7 jan. 2023.

TRUJILLO, Victor. **Pesquisa de mercado qualitativa e quantitativa**. São Paulo: Scortecci, 2001.

XAVIER, Alice. A técnica do grupo focal na pesquisa com as elites escolares. **Boletim SOCED/PUC-RIO**, Rio de Janeiro, n. 7, 2008. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/12731/12731.PDF>. Acesso em: 7 jan. 2023.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos**: cultura e processos de subjetivação. Appris, 2018.

ZIMMERMANN, Marlene Harger; MARTINS, Pura Lúcia Oliver. Grupo focal na pesquisa qualitativa: relato de experiência. In: **Congresso Nacional de Educação**, 8., 2008, Curitiba. Anais. Curitiba, 2008. p. 12115-12125. Disponível em: <https://docplayer.com.br/10022023-Grupo-focal-na-pesquisa-qualitativa-relato-de-experiencia.html>. Acesso em: 7 jan. 2023.

Sobre os autores

Renan Mota Silva

Doutorando em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Universidade Federal do Pará (IFCH/PPGP/UFGPA) atual. Mestre em Educação - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPGEA/UFRRJ) 2021. Possui Pós-Graduação Lato-sensu em Educação Quilombola (2019), Educação a Distância e Docência do Ensino Superior (2018) e

Psicopedagogia Institucional, Clínica e Educação Infantil (2016) pela Faculdade Venda Norte do Imigrante/ES. Graduado em Licenciatura em Pedagogia (2014) pela Universidade Estácio de Sá / RJ. Graduando em Psicologia (atual) Universidade Estácio de Sá / PA. Membro do Conselho Editorial Científico - Membro Colaborador da Revista Acadêmico Mundo (ISSN 2318-1494). Avaliador nos anos de 2022 e 2023 da Revista Pedagógica do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ) - (ISSN 1984-1566). Pesquisador do Grupo de Estudos Decoloniais (GED/UFRRJ). Participante do Coletivo de Pesquisa Transversalizando: ensino, pesquisa-intervenção e extensão (UFPA). Tem trabalho publicado pela Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação (SPCE) - Porto, Portugal. Atualmente, pesquisando Trajetórias de Professores Homens na Educação Infantil: memórias, (re)existências, identidades e diferenças. E-mail: renanmota16@hotmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5855-5418>.

Karla Percília da Silva Fortes

Mestra em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação Agrícola (PPGEA) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ. Possui bacharelado em Letras/Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (2012), tecnólogo em Comunicação Assistiva Libras e Braille pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUCMinas (2010). Proficiente em Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa (ProLibras 2009 - Certificação de Proficiência na LIBRAS -UFSC). Possui experiência como tutora do curso a distância de licenciatura em Letras - Libras - EAD Uniasselvi (2017). Atualmente é tradutora e intérprete da língua brasileira de sinais - Libras no Instituto Federal do Espírito Santo - Ifes Campus Itapina, coordena o projeto de extensão/pesquisa Repositório Libras Agro e o projeto de ensino/pesquisa Legenda Ifes. E-mail: karla.fortes@ifes.edu.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8954-2743>

Recebido em: 03/05/2023

Aceito para publicação em: 13/10/2023